

**Paulo Timm**

### **Afinal, o que é o “Centro”?**

A exaltação do centro como o lugar da virtude política não é invenção do povo de Minas Gerais. Nem a conciliação uma jaboticaba brasileira. Elas são herança dos ensinamentos de grande Aristóteles, para quem o lugar equidistante dos extremos seria sempre o melhor. Mas acrescentou que nunca se sabe, antecipadamente, onde está este lugar. Ele é o resultado da múltiplas experiências. Sempre a experiência como Mestra da sabedoria. A praxis...

Aqui no Brasil, últimos tempos, vivemos uma erosão do centro político, à luz do que se chama polarização extremada entre coxinhas e mortadelas, direita x esquerda. Muito embora isso tenha resultado dos acontecimentos históricos que envolveram o impeachment de Dilma Rousseff, ao cabo d 14 anos de lulopetismo no Governo Federal, a desclassificação do centro tem raízes mais profundas, sobretudo na esquerda ortodoxa. A social-democracia, por exemplo, núcleo duro do centro político no século XX, foi dura e virulentamente criticada pelos comunistas como traição à causa popular. Lembro, a propósito, a odiosa rejeição à Leonel Brizola, quando de seu retorno ao país, ao final de 1979, carregando na sua bagagem o título de Vice-Presidente da II Internacional, de caráter social-democrata, isto é democrático e reformista, com o propósito da implantá-la sob a égide do trabalhismo. Tratava-se de um claro e expesso deslocamento de velho líder que outrora, antes de 1964, havia liderado a esquerda e ele o fazia, não só por razões ideológicas, como por reconhecer que um avanço social no Brasil exigia uma forte aliança com forças internacionais não vinculadas à União Soviética. A direita, de outra parte e de modo geral, até tem sido mais tolerante com o centro, talvez pela infertilidade eleitoral dos princípios de Mercado que a regem, numa nação que está literalmente fora dele e que depende do Estado para sobreviver.

A verdade é que as últimas pesquisas eleitorais para a Presidência demonstram não só a radicalização das posições em jogo, como o desencanto cada vez maior do eleitorado com as eleições. Aliás, nas recentes eleições para Governador em Tocantins, o grande vencedor foi o “não voto”, isto é, a soma dos que não compareceram às urnas mais os que votaram nulo e branco. O mesmo ocorreu com as eleições para Prefeito em 20 cidades fluminenses, reeditando o que já ocorrera em Porto Alegre, em 2016: Ganhou o “não voto”. Vejamos o que mostra esta Pesquisa **DataPoder360**

*Militar do PSL firma-se acima de 20% e vence todos no 2º. turno*

*Ciro firma-se como o anti-Bolsonaro com 12%*

*Haddad (PT) tem 8%;*

*Alckmin, 7% ; Marina e Alvaro Dias, 6% cada um*

<https://www.poder360.com.br/datapoder360/bolsonaro-e-lider-doria-decepciona-e-empata-com-alckmin-diz-datapoder360/>

Vê-se, pois, o colapso do centro, para o qual parte da direita tenta se reorientar à cata de votos que não encontra. Reunião de alguns deles em Brasília reuniu-se às pressas tentando uma reação na busca de um nome de consenso simultaneamente anti-Bolsonaro e anti-

Ciro.- <https://www.oantagonista.com/brasil/os-17-pontos-manifesto-em-defesa-de-candidatura-unica-de-centro/> Quem mais reclama é, talvez, o mais direitista destes neo-centristas, cujo Partido, o DEM, aliás, nem compareceu ao encontro:

**"O PROBLEMA É QUE ESTAMOS FALANDO MUITO EM CENTRO E A SOCIEDADE NÃO ENXERGA O CENTRO COMO ENTENDEMOS. ENTÃO, FICA UMA CONVERSA MEIO DE BÊBADO"**

O problema não é de excesso de álcool neste processo, mas falta de informação ou, talvez, honestidade. O centro histórico, responsável pela modelagem do Estado de Bem Estar é claramente reformista no sentido de assumir o papel regulador do Estado na Sociedade e não do Mercado. Graças e ele, com grau maior ou menor da direita e da esquerda em cada um dos casos internacionais, fizemos do Século XX o "Século dos Direitos", base sobre a qual construiu-se uma certa paz social e desenvolvimento. Os grandes ideólogos deste modelo foram J.M.Keynes, que retateu teoricamente os liberais, mostrando o papel do déficit público como medida anti-cíclica em defesa do emprego, e Max Weber, com uma nova epistemologia do Estado e da Ação Política, através da qual o conflito ideológico saía dos Manuais em benefício do possibilismo.

Estamos, portanto, um momento de eclipse do centro. Mas para recuperá-lo precisamos cada vez mais de informação e práxis honestas.

## **DEMOCRACIA EM RISCO**

**Paulo Timm – Reporter Independente 06 junho 2018**

Há já algum tempo os analistas apontam um déficit de democracia no mundo. Outros, mais otimistas, contestam e insistem no fato de que a mancha democrática, apesar da Arábia Saudita e Coreia do Norte, avança em termos globais (?). Talvez os otimistas tenham razão em termos formais, mas os primeiros destacam que, no Ocidente, onde a democracia mais avançou no século XX, a ponto de ser este denominado por Norberto Bobbio como Século dos Direitos, ela fenece a olhos vistos. A tempestade neoliberal que desabou sobre o Welfare State, tanto europeu, como americano e, agora, sobre países em desenvolvimento dos vários continentes, cortou preciosos gastos públicos que consagravam direitos sociais importantes, enquanto o desgaste dos processos representativos retira, cada vez mais, a cidadania, dos pleitos eleitorais. Anarquia com rebotes de violência, que, no Brasil mata mais de 60 pessoas por cada 100 mil; corrupção, na qual somos campeões e degradação social, com brutal reconcentração de renda paralela à expansão do desemprego, que no Brasil condena 25 milhões ao desemprego, outro tanto ao mero salário mínimo e uma fatia adicional do mesmo tamanho com renda inferior ao mínimo, para não falar da miséria absoluta, alimentam o empalidecimento da democracia. As pessoas estão cansadas com os políticos, com os Partidos, com as instituições públicas. Os filósofos críticos, como o italiano Giorgio Agamben, com muitos seguidores entre nós, vão mais longe e

já dizem que vivemos num "estado de exceção". Para eles, acabou a democracia, ficando, apenas seu simulacro. Tudo, aliás, nesta nova era, pós moderna, ter-se-ia transmutado em simulacro. O real se nos escapa.

Aqui mesmo, no Brasil, nas recentes eleições para o Governo do Tocantins e algumas cidades fluminenses, fica evidente o desgosto com o democracia: o absenteísmo foi gritante e, somado aos votos brancos e nulos, fez do "não voto" o grande vencedor. Não deverá ser muito diferente em outubro próximo. As últimas pesquisas eleitorais trazem como campeões da preferência nacional, à falta de Lula nas listas, o Capitão Jair Bolsonaro, à direita, e Ciro Gomes, à esquerda, ambos com forte perfil autoritário e transeuntes de vários partidos, demonstrando claro desapego a este instituto partidário.

### **Bolsonaro é líder ...diz DataPoder360**

<https://www.poder360.com.br/datapoder360/bolsonaro-e-lider-doria-decepciona-e-empata-com-alckmin-diz-datapoder360/>

*"Militar do PSL firma-se acima de 20% e vence todos no 2º. turno*

*Ciro firma-se como o anti-Bolsonaro~*

*Haddad (PT) tem 8%; Alckmin, só 7%"*

Estamos mal. E de mal a pior quando intelectuais, líderes políticos e cidadãos comuns desinteressam-se pela democracia. Talvez tenha, pois, chegado a hora de remexer no velho baú das grandes referências cívicas do país, na tentativa de recuperar o seu significado como valor universal e conquista política. Destaco Florestan Fernandes, patrono da Sociologia no Brasil, marxista convicto, parlamentar pelo PT em Florestan Fernandes, citado por Carlos Guilherme Mota em "Ideologia da Cultura Brasileira"- Ed. Atica, SP, 1980 . pg. 202:

"Isso significa, em outras palavras, que os intelectuais brasileiros devem ser paladinos convictos e intransigentes da causa da democracia. A instauração da democracia deve ser não só compreendida como o requisito como o requisito número um da "revolução burguesa". Ela também será o único freio possível para esta revolução.. Sem que ela se dê, corremos o risco de ver o capitalismo industrial gerar no Brasil formas de espoliação e iniquidades sociais tão chocantes, desumanas e degradantes, como outras que se elaboram em nosso passado agrário".

Tarso Genro (PT), ex governador do RS, respondendo à questão - [www.sul21.com.br](http://www.sul21.com.br) - "consenso democrático " ou "demarcação do campo popular, com Boulos para Presidente " reitera a preocupação com a democracia: "Sim, Boulos é o líder político desta geração (...). Soube se posicionar, (...), de forma correta, entendendo que a disputa pela hegemonia exige, **no campo popular, mais "consenso" do que "demarcação" com outras forças democráticas** de esquerda, que se esteriliza quando erigem formas de luta "puras" incapazes de enfrentar a força dos inimigos e adversários em momentos de crise.

A advertência do velho Mestre e do ex governador é oportuna e conveniente. A hora é muito mais de se reforçar um arco democrático de alianças, com fulcro na defesa intransigente da Constituição, do que delimitação de campos sociais. Até a direita, reunida recentemente em Brasília, lançou um Manifesto em busca de um candidato único capaz de enfrentar, sobretudo, Bolsonaro, ainda que também de olho no crescimento de Ciro Gomes

- <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/fhc-e-outras-liderancas-fazem-apelo-por-uniao-de-candidatos-de-centro-contra-bolsonaro-ciro-e-lula/> - .

Manuela d'Ávila, de sua candidatura simbólica à Presidência, também clama por uma unidade na esquerda. Não sei se serão ouvidos. De minha parte, sigo, aquele pintassilgo flagrado com alguns pingos de água no bico no seu esforço de apagar o incêndio na floresta: Faça a minha parte...

ANEXO

<https://www.poder360.com.br/datapoder360/bolsonaro-e-lider-doria-decepciona-e-empata-com-alckmin-diz-datapoder360/>

## ***Bolsonaro é líder; Doria decepciona e empata com Alckmin, diz DataPoder360***

*Militar do PSL firma-se acima de 20%*

*Haddad (PT) tem 8%; Alckmin, só 7%*

*Bolsonaro vence todos no 2º turno*

*Ciro firma-se como o anti-Bolsonaro*

*De forma resumida, a pesquisa mostrou o seguinte:*

- **Jair Bolsonaro (PSL)** – o representante da direita se consolida em todos os cenários. Tem sempre mais de 20% (teve de 21% a 25%). Parece ter se beneficiado do momento de irritação do eleitorado por causa dos protestos de caminhoneiros. Seu voto é consistente. Até 77% de seus eleitores dizem que não trocam mais de candidato até o dia da eleição. No 2º turno, Bolsonaro vence todos os adversários. Sua fraqueza mais saliente é o desempenho ruim entre mulheres (só tem de 13% a 14%, a depender do cenário). Com os eleitores homens, registra de 29% a 37%;
- **Ciro Gomes (PDT)** – é o 2º colocado isolado em todos os cenários pesquisados. Confirma a tese de que o eleitorado está cada vez mais se espremendo para os extremos (esquerda e direita) do espectro político.

*Sua maior vantagem é ir bem no Nordeste, onde chega a pontuar 19%. Vai mal entre jovens de até 24 anos, obtendo só até 8% nesse grupo demográfico;*

- **Fernando Haddad (PT)** – nome neste momento mais provável para substituir Lula na corrida pelo Planalto, o petista pontua de 6% a 8%. Apesar de não ter sido apresentado como candidato, sua presença é equilibrada em quase todos os recortes da pesquisa. Não aparece tão bem entre homens (vai de 3% a 5%);
- **Marina Silva (Rede)** – não está mais empatada com Ciro, mas é a que mais ameaça Bolsonaro num eventual 2º turno: fica com 25% contra 35% do militar. Todos os demais candidatos pontuam menos que Marina nesse tipo de simulação;
- **Geraldo Alckmin (PSDB)** – parece estacionado, mas tem pelo menos uma notícia boa nesta pesquisa: o outro tucano que poderia substituí-lo, João Doria, fica na mesma posição. Numericamente, até pior, pois Doria só vai a 6% e Alckmin chega a 7%. O maior problema do tucano é não decolar em seu território, o Sudeste. Nessa região, perde feio para Bolsonaro. No Sul, é derrotado tanto pelo militar como por 1 ex-tucano, o senador Alvaro Dias (Podemos). Para completar, Alckmin não agrada às mulheres: tem só 4% nesse segmento;
- **João Doria (PSDB)** – a pesquisa tem o efeito de reduzir a pressão sobre o ex-prefeito para tentar concorrer ao Planalto. Ele pontua sempre 1 pouco abaixo de Alckmin (mas em situação de empate técnico) em quase todos os segmentos. Não é 1 desempenho vistoso o suficiente para tirá-lo da disputa pelo governo de São Paulo;
- **Alvaro Dias (Podemos)** – o senador pelo Paraná já foi do PSDB. Disputa os votos agora no mesmo ecossistema no qual se alimentam os tucanos. No Sul, registra de 18% a 22%, a depender do cenário. Praticamente inexistente no Nordeste (1% a 3%). Uma aliança entre Alvaro e Alckmin parece improvável, mas certamente faria com que os 2 juntos se tornassem mais competitivos.
- **Candidatos nanicos** – há pouco a dizer sobre Manuela D’Ávila (PC do B), Fernando Collor (PTC), Flávio Rocha (PRB), Henrique Meirelles (MDB) e Rodrigo Maia (DEM). Somados, eles têm 6%. Já Guilherme Afif (PSD), Guilherme Boulos (Psol), João Amoêdo (Novo) e Paulo Rabello (PSC) registram, juntos, só 0,8% das intenções de voto. É altamente improvável que 1 desses nomes se viabilize para ir ao 2º turno.